

Memória Social e Sindical: os perfis dos sindicalistas da Assufrgs Sindicato no período de 1985 A 2002.

Social and Union Memory: Assufrgs Sindicato members profiles' from 1985 to 2002.

Sibila Francine Tengaten Binotto
Mestranda do PPGMSBC da UniLaSalle

Moisés Waismann
PPGMSBC da UniLaSalle

Resumo: Este trabalho é um recorte de pesquisa em andamento, acerca da memória sindical dos trabalhadores Técnico-Administrativos em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de 1985 a 2002, a partir dos arquivos do Centro de Documentação e Memória (CEDEM). O objetivo desta comunicação é verificar o perfil dos técnico-administrativos em educação que fizeram parte das coordenações da Assufrgs Sindicato dos anos 1985 a 2002. As variáveis selecionadas são: sexo, grau de instrução de acordo com o nível da carreira e local de trabalho na ocasião da gestão. Trata-se de uma pesquisa documental, que utilizará Atas de Posse, Boletins Informativos, disponíveis no CEDEM, assim como de forma complementar, o banco de dados do Sindicado. As considerações são preliminares.

Palavras chave: Memória Social; Memória Sindical; Trabalhadores Técnico-Administrativos em Educação; Instituição de Ensino Superior; UFRGS.

Abstract: This work is an excerpt of ongoing research about the union memory of Technical-Administrative workers in Education at the Federal University of Rio Grande do Sul, from 1985 to 2002, from the archives of the Center for Documentation and Memory (CEDEM) . The purpose of this communication is to verify the profile of the technical-administrative in education that were part of the coordinations of Assufrgs Sindicato from the years 1985 to 2002. The selected variables are: sex, education level according to the career level and place of work in management. It is a documentary research, which will use Minutes of Possession, Newsletters, available at CEDEM, as well as in a complementary way, the database of the Syndicate. The considerations are preliminary.

Keywords: Social Memory; Union Memory; Technical-Administrative workers in Education; Higher Education Institution; UFRGS.

INTRODUÇÃO

O interesse crescente sobre a memória, e as formas de disponibilizar essa informação em arquivos e centros de documentação, chamou a atenção da Assufrgs Sindicato¹, que viu a

¹ Assufrgs Sindicato (Sindicato dos Técnicos Administrativos em Educação das Instituições Federais de Ensino Vinculadas ao Ministério da Educação e Cultura de Porto Alegre, Canoas, Osório, Tramandaí, Imbé, Rolante, Eldorado do Sul, Guaíba, Viamão e Alvorada).

necessidade de salvaguardar toda a documentação e, as narrativas vinculadas aos Técnico-Administrativos em Educação (TAEs). A problemática desenvolvida nessa pesquisa originou-se em 2018, na eleição para a coordenação do Sindicato. Nessa época, o Projeto Memória tomava forma, propunha exposições, narrativas em vídeos, etc. Em 2020, uma nova configuração do CEDEM - Centro de Documentação e Memória² - foi proposta e um novo Comitê Gestor foi empossado. A partir desse momento, conceitos de memória social, sindical e identidade começaram a fazer parte deste projeto.

Este artigo apresenta um recorte de pesquisa em andamento, acerca da memória sindical dos trabalhadores Técnico-Administrativos em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no período de 1985 a 2002, a partir dos arquivos sindicais do (CEDEM). O objetivo desta comunicação é verificar o perfil dos Técnico-Administrativos em Educação que fizeram parte das coordenações da Assufrgs Sindicato dos anos 1985 a 2002. As variáveis selecionadas são sexo, nível da carreira (segundo PCCTAE) e local de trabalho.

Nessa perspectiva percebe-se que os Técnico-Administrativos em Educação têm muito a rememorar, todos os anos de luta sindical, a luta pela definição de uma identidade, a classe trabalhadora numa narrativa de conquistas, que propicia recordar e, ao mesmo tempo, reinventar o passado coletivamente. A respeito da identidade narrativa nas memórias de quem passou uma vida toda lutando por direitos e para não os perder, Vito Gianotti (2011) em uma entrevista afirmou:

Toda classe social tem sua história e sua memória. Esta memória pode ser usada em muitos sentidos, como simples lembrança de um passado que se foi ou como a lembrança de um passado do qual podemos tirar lições positivas ou negativas. A burguesia sempre usou a História para apresentá-la na sua visão e com isso garantir apoio a seus planos de dominação e consolidação da sua hegemonia. Os trabalhadores precisam conhecer a história para tê-la como aliada em suas lutas. Guardar, preservar tudo o que se refere a sua história e imediatamente usar esta memória para reforçar sua política pelo bem da humanidade é um bom uso. A análise histórica é fundamental para compreender o hoje e projetar o amanhã, isto é, aprender com sua própria experiência. Este é o primeiro passo. Em seguida, através desta análise, tira-se lições dos erros e acertos. Finalmente, divulgar de mil maneiras esta história e suas lições, usando-a na disputa de corações e mentes. Ou seja, a memória deve ser uma ferramenta para disputar a hegemonia enquanto classe.³

Após o período do Golpe de 1964 (Ditadura Militar) na redemocratização, encontramos traços, rastros de memória em documentos para recordar um período tão duro

² O Centro de Documentação e Memória - salvaguarda documentos produzidos pelo sindicato, é possível encontrar material sobre plenárias, assembleias, greves, eleições e formação sindical, fotos, boletins informativos, atas, folders, adesivos, botons, clipagem, jornais, posters, camisetas, bandeiras, livros, etc.

³ Entrevista publicada originalmente na página da Caros Amigos, que não está mais com conteúdo disponível e foi reproduzida por Fazendo Mídia.

para os técnicos administrativos. Foi necessário apelar à memória coletiva e individual dos servidores para alinhar e delinear a busca dos anos iniciais (1985-1989) uma luta contra o esquecimento. Segundo alguns documentos do arquivo do CEDEM, foi necessário reorganizar os sindicatos, e a Assufrgs Sindicato não foi diferente. Na Ocasão no ano de 1985, - como veremos - uma Direção provisória foi instaurada para retomar as atividades sindicais, que devido ao período da Ditadura operava em segredo, já que eram proibidos os sindicatos de operar.

Para conceituar o estudo serão abordados conceitos de Identidade, Lugar de Memória, Memória Social e Memória Sindical. O estudo se justifica pela necessidade de conhecer o perfil dos coordenadores. É uma pesquisa documental, que utilizará os documentos de organização dos trabalhadores constantes no CEDEM como Atas de Posse, Boletins Informativos e o próprio banco de dados dos sócios da Assufrgs Sindicato. As considerações são preliminares.

MEMÓRIA SOCIAL E MEMÓRIA SINDICAL

A memória se constrói como processo, em movimento constante de construção/desconstrução. Na amnésia a história e a ficção se misturam por isso o papel importante de análise de documentos e de narrativas. Halbwachs afirma que é impossível dissociar os efeitos ligados às representações da identidade individual daqueles relacionados às representações da identidade coletiva (CANDAU, 2019). Todo esse contexto faz parte da identidade dos Técnico-Administrativos em Educação (TAEs). Candau afirma que “[...] memória e identidade se concentram em lugares, e em “lugares privilegiados”, quase sempre com um nome, e que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo”. (2019, p. 156).

A rememoração que é a base do Projeto Memória da Assufrgs Sindicato evidencia o Patrimônio Cultural Imaterial que é a identidade dos servidores Técnico-Administrativos em Educação no tocante que diz respeito as práticas de fazer a luta - as assembleias, os atos de rua-, a confecção dos materiais de apoio, documentos sobre a sua criação e sobre as diversas frentes de lutas dos trabalhadores, entre outros objetos salvaguardados pelo CEDEM. Catroga (2001, p. 28) afirma que: “O imaginário da memória liga os indivíduos, não só verticalmente, isto é, a grupos ou entidades, mas também a uma vivência horizontal e encadeada do tempo (subjetivo e social) [...]”. O que é a memória para a sociedade senão a construção social e emocional e partir de lembranças? É do conjunto da personalidade de um indivíduo que a

memória emerge como elemento importante para compreendermos a construção e reconstrução das identidades dos grupos sociais, e é nessa perspectiva que trabalha a identidade dos Técnico-Administrativos em Educação.

Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo – e assim, sua ‘identidade’ – pode ser construído [...] A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” (HALL, 2002, p. 110).

Os TAEs são um grupo social, ligado por relações de luta, mas também por relações afetivas, de lembranças, pois estas pessoas se conhecem há anos, muitos são familiares, ou convivem entre famílias numa relação mais intimista. De acordo com Giron, as mulheres “humanizam” a memória genealógica, por meio da necessidade emocional, sentimentos e ligações entre as pessoas (compadrio, parentesco), *affaire familiales*, relações interpessoais, preferências para o vivido e a atemporalidade (reflete certa ausência de noção de tempo); oscilam entre esposas/mães e seus papéis profissionais; manifestam conflitos entre o que elas interiorizam em seu quadro de atividade fora do lar e o que lhes foi inculcado no curso de sua socialização primária. (2000). Logo, a memória coletiva está na base da construção da identidade, a memória pode ser entendida como processos sociais e históricos, de expressões, de narrativas de acontecimentos marcantes, de coisas vividas, que legitimam, reforçam e reproduzem a identidade do grupo (CRUZ, 1993).

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. (POLLAK, 1989, p. [7]).

O trabalho de memória nunca é puramente individual, se ajusta a expressões coletivas. Halbwachs (2006) conceitua a memória enquanto fenômeno coletivo e com vínculo afetivo de mesmo grupo. Para ele a memória é sempre construída em grupo, mas também é sempre um trabalho do sujeito. Todas essas vivências identificam e diferenciam o grupo de referência,

não só pelo trabalho, mas pela forma como interagem. Este grupo de referência é um grupo pelo qual o indivíduo já faz parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e fundiu o seu passado. As lembranças são organizadas numa narrativa de memória. Essas pessoas entendem a relevância de narrativas na vida social do sindicato, mas as mesmas perpassam por saberes e histórias de vida não somente do sujeito da fala, como também da narrativa de uma vida. (RICOEUR, 2014). São indivíduos dotados de significado que não imaginam a riqueza que é o saber, saber fazer a luta sindical, que pra eles se externaliza no senso comum. Essa lembrança é contada e recontada para as gerações seguintes e é assim que a luta se refaz. Halbwachs (2006) já dizia que a memória tem a característica de operar quando ligada e referida a aspectos concretos, como, por exemplo, objetos, lugares, pessoas.

Segundo Santos (1998, p. 4), Indivíduos não se lembram por eles mesmos, isto é, para lembrarem, eles necessitam de lembranças de outros indivíduos, para confirmarem ou negarem suas lembranças, que por sua vez estão localizados em algum lugar específico no tempo e no espaço.

O que torna essa lembrança presente e recorrente para o indivíduo são os lugares de memória. O lugar se define e traz sentido do cotidiano, das relações de trabalho e lazer, dos momentos de encontros e lutas. Colocando em relação às discussões da Geografia e da Filosofia, percebe-se que o espaço é trabalhado pela memória e pela imaginação e, em virtude disso, articula-se imediatamente com as representações identitárias. É no *habitus* (de Bourdieu) que se projetam as lembranças de indivíduos e grupos, como sugere Bachelard (1974). E quais são esses lugares de memória? Todo e qualquer lugar que aproxima o processo de rememoração, o local onde as lembranças fiquem evidenciadas. O Sindicato é sim um lugar de memória, onde os TAEs concentram toda sua expectativa em quem ali se apresenta para coordenar.

Outro lugar de memória sindical bem evidenciada é a cidade de Brasília, no Planalto Central; ali, obrigatoriamente, é um local onde os TAEs vão reivindicar suas pautas junto aos políticos no Senado e no Congresso Nacional, sejam salariais, de carreira ou outras pautas da educação superior, os eventos necessitam de história e de simbologia para alimentar e se fazer significativos. Costura simbolicamente discursos, objetos, tempos e espaços que simbolizam uma trajetória e sintonizam um mito fundador que reafirma os valores do grupo. Esses lugares de memória trazem a identidade desse grupo, e a identidade nada mais é do que uma

representação das origens, das convicções, dos valores e das práticas que se deseja apresentar, consciente aos outros como sendo as características essenciais de uma pessoa, de um grupo.

Sendo assim, percebe-se a forte influência e necessidade desses espaços de memória nesse processo de construção e preservação de identidades, que está justaposta na noção de memória social, esta, por sua vez estabelece uma relação intrínseca com a noção de patrimônio cultural, ao passo que desempenha papel fundamental e referencial da memória de um grupo.

A Memória Sindical consiste nisso, em uma construção cultural e teórica sobre a identidade dos trabalhadores e sobre a percepção do seu papel essencial na sociedade. (SOUZA, [s.d]). Para recordar o passado é necessário acessar uma memória historiográfica. Desde o início das atividades sindicais, iniciou em 1922 quando foi formada a Cooperativa da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Já em 51 com a junção de diferentes Faculdades e a Federalização foi fundado o Centro dos Funcionários da URGs, que lutou pela incorporação dos funcionários ao serviço federal, o que foi conseguido em 1957, passando a fazer parte da Associação dos Funcionários Públicos. Em 1º de junho de 1964, entrou em vigor a Lei da Greve (Lei nº 4.330/64), que tornou ilegal este tipo de manifestação. A saída foi dar uma característica beneficente à entidade, que se tornou Associação Beneficente dos Servidores da UFRGS (ABSURGS), com objetivos assistencialistas como: financiamento de ranchos, empréstimos, colônia de férias, convênios gerais, etc. A ABSURGS, uma Associação Beneficente criada para congrega os trabalhadores da Universidade tanto do quadro de Professores quanto de Técnico-Administrativos em Educação, já que na época em que foi instaurada a Ditadura Militar a sindicalização tornou-se proibida para servidores públicos. Em 1987 a associação ganhou caráter sindical. Nos anos 1990 foi fundado o Sintest/RS⁴ e após um plebiscito com os trabalhadores da categoria de base da Assufrgs aderiu a esta proposta, permanecendo até hoje, pois a Assufrgs Sindicato ainda não possui carta sindical própria. O Sindicato sediou dois endereços, primeiro na Av. João Pessoa 775, e após na Av. João pessoa 1392.

No período de 1964 a 1984, o que temos é uma memória subterrânea (fronteira entre o dizível e o indizível, confessável e o inconfessável), silenciosa, os TAEs denegam um período traumático que causou uma memória de sofrimento, e uma ruptura, pois a memória detém o esquecimento. Nessa perspectiva dos rastros mnésicos, Ricoeur trabalha no campo das

⁴ Sintest/RS Sindicato dos Trabalhadores em Educação de 3º grau no Rio Grande do Sul. À época, existiam diversas dúvidas sobre a forma de registro dos sindicatos, principalmente daqueles representantes de servidores públicos.

passividades, um acontecimento que marca, toca, afeta e a marca afetiva permanece em nosso espírito.

Para que essa lembrança não se dissolva e fragmente, é necessário fazer um panorama do perfil dos sindicalistas da época. Rememorar todos aqueles que disponibilizaram de tempo para participar do sindicato de forma ativa. Para isso o CEDEM mostra-se muito importante, um arquivo sindical, que salvaguarda toda essa memória.

A retomada dos projetos de memória pelos sindicatos – consolidados através da organização de fontes documentais diversas, disponibilizadas pelos centros de documentação e memória sindical -, está associada nesse novo panorama contemporâneo, à expectativa de reconstrução social da identidade da classe trabalhadora, em vista da afirmação e recolocação dos projetos sociais sindicais no interior das disputas por hegemonia, estabelecidas na conjuntura social atual, bem como da (re)inserção dos sujeitos trabalhadores como agentes da transformação social, econômica e política do país [...] (CRUZ, p.177-178, 2013).

Preservar documentos e memória é garantir também a manutenção de direitos duramente conquistados pelos trabalhadores e trabalhadoras, pois eles detêm um potencial de transformação política. A construção da memória sindical é a organização dessas lembranças.

Na sequência, apresenta-se o percurso metodológico.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para dar conta do objetivo proposto, foram utilizados os documentos do Centro de Documentação e Memória da Assufrgs Sindicato, e para a coleta dos dados, foram consultadas as atas de posse (1985-2002) bem como Boletins Informativos de 1985 a 2002. Para estimar os níveis da carreira de cada cargo, - que antes da reforma da carreira de 2005 eram classificados em: fundamental completo/incompleto, médio completo/incompleto, técnico e superior-, utilizou-se a tabela do Plano de Carreira dos Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE)⁵.

No período compreendido entre 1964 e 1984 (Ditadura) o sindicato estava inoperante com tal designação de sindicato, como já abordado anteriormente, onde passou a ser associação. Contudo no ano de 1985, do período pós Ditadura, os TAEs novamente

⁵ O PCCTAE é dividido em cinco níveis de classificação: A, B, C, D e E. Essas cinco classes são conjuntos de cargos de mesma hierarquia, classificados a partir de alguns requisitos, como escolaridade. Cada uma dessas classes divide-se em quatro níveis de capacitação (I, II, III e IV), sendo que cada um desses níveis tem 16 padrões de vencimento básico. A lei 11091, de 12 de janeiro de 2005, (Plano de Carreira dos Cargos Técnico-administrativos das Instituições Federais de Ensino Superior) apresenta uma tabela com os cargos e em quais níveis se enquadram na carreira. Nível (A e B) Fundamental Incompleto; (C) Fundamental Completo e alguns casos Médio Completo; (D) Médio Profissionalizante ou Médio Completo; (E) Curso Superior.

organizados elegeram uma gestão provisória no biênio 1985-1987, já retomando a luta como sindicato, com a seguinte configuração: um Presidente e 1º ao 4º Vice-Presidentes. Já no biênio 87/89 a gestão apresentou-se um pouco diferente com Presidente, Vice-Presidente, Secretário-Geral, Secretário administrativo, Tesoureiro, 2º Tesoureira, Departamento de Assistência e Convênios, Departamento de Imprensa, Departamento de Patrimônio, Departamento de Esportes, Departamento Jurídico, Departamento de Cultura. No Biênio 89/91 o que mudou foi o Departamento de Cultura que passou a se chamar Departamento de Cultura e Formação. Nos biênios, 93/95, 95/97, 97/99, 99/2001, houve uma significativa mudança na estrutura, passando a ter uma Coordenação Geral composta por 3 pessoas e as demais coordenações: Coordenação de Educação Política e Sindical e de Segurança do Trabalho, Coordenação de Finanças, Coordenação de Divulgação e Imprensa, Coordenação de Cultura, Esportes e Lazer, Coordenação Jurídica e Patrimonial, todas compostas por duas pessoas. Já em 2001/2003 a Coordenação de educação política e sindical, foi desmembrada em Coordenação de educação Política e Sindical e Coordenação de saúde e segurança do trabalhador, foi criada também a Coordenação de assuntos de aposentadorias, já a Coordenação Jurídica e Patrimonial passou a se chamar Coordenação Jurídica e Relações de Trabalho.

Nas gestões de 1985/87 a Direção do Sindicato era composta por um Presidente e 4 Vice-Presidentes; Já na gestão 1987/89 era composta por Presidente, Vice-presidente, Secretário-Geral, Secretário Administrativo, Tesoureiro, 2º Tesoureira, Departamento de Assistência e Convênios, Departamento de Imprensa, Departamento de Patrimônio, Departamento de Esportes, Departamento Jurídico, Departamento de Cultura. Em 1989/91 Presidente, Vice-presidente, Secretário-Geral, Secretário Administrativo, Tesoureiro, 2º Tesoureira, Departamento de Assistência e Convênios, Departamento de Imprensa, Departamento de Patrimônio, Departamento de Esportes, Departamento Jurídico, Departamento de Cultura e Formação. A partir dos biênios 91/93, 93/95, 95/97, 97/99 e 1999/2001 ocorreu uma mudança significativa, passando a ter uma Coordenação Geral composta por 3 pessoas, e demais coordenações compostas por duas pessoas por pasta da coordenação: Coordenação De Finanças, Coordenação De Educação Política e Sindical e de Segurança do Trabalho, Coordenação de Divulgação e Imprensa, Coordenação de Cultura, Esportes e Lazer, Coordenação Jurídica e Patrimonial. Na gestão de 2001/2003 a composição mudou um pouco, além da Coordenação Geral - como nas outras gestões - passou a ter a Coordenação de Administração e Finanças, Coordenação de Educação Política e Sindical, Coordenação de Saúde e Segurança do Trabalhador, Coordenação de Divulgação e Imprensa,

Coordenação de Cultura, Esportes e Lazer, Coordenação Jurídica e Relações de Trabalho, Coordenação de Assuntos de Aposentadorias. Essa informação fica mais clara, quando se observa a tabela 1, onde é apresentada a coordenação e a diretoria do Sindicato no período do estudo. A tabela apresenta os participantes da gestão de acordo com o sexo.

Tabela 1 - Distribuição por sexo dos membros da gestão

Gestão	Coordenação Geral/Presidência		Coordenação de Pasta	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
85/87	1	0	3	2
87/89	1	0	6	6
89/91	1	0	7	5
91/93	2	1	11	3
93/95	2	1	9	4
95/97	2	1	9	5
97/99	2	1	9	4
99/2001	2	1	6	7
2001/2003	2	1	9	8

Elaborado pelos autores a partir dos dados disponibilizados na pesquisa

Percebe-se na tabela 1 que as primeiras três gestões observadas eram compostas por homens, as mulheres chegam ao início dos anos 1990, sendo a partir daí representadas sempre com 1/3 da coordenação, já se olharmos a diretoria percebemos que as mulheres sempre estiveram presentes, chegando a representar maioria na gestão 99/2001.

De forma geral, nos documentos pesquisados, observou-se que na Gestão 95/97 ocorreram algumas substituições durante a gestão, mas permaneceu nesse número de homens e mulheres, já na Gestão 97/99 ocorreram algumas substituições durante a gestão, alterando o número para 8 homens e 5 mulheres, e na gestão 99/2001 ocorreram algumas substituições durante a gestão, alterando o número para 7 homens e 6 mulheres e por fim na Gestão 2001/2003 ocorreram algumas substituições durante a gestão, mas permaneceu nesse número de homens e mulheres.

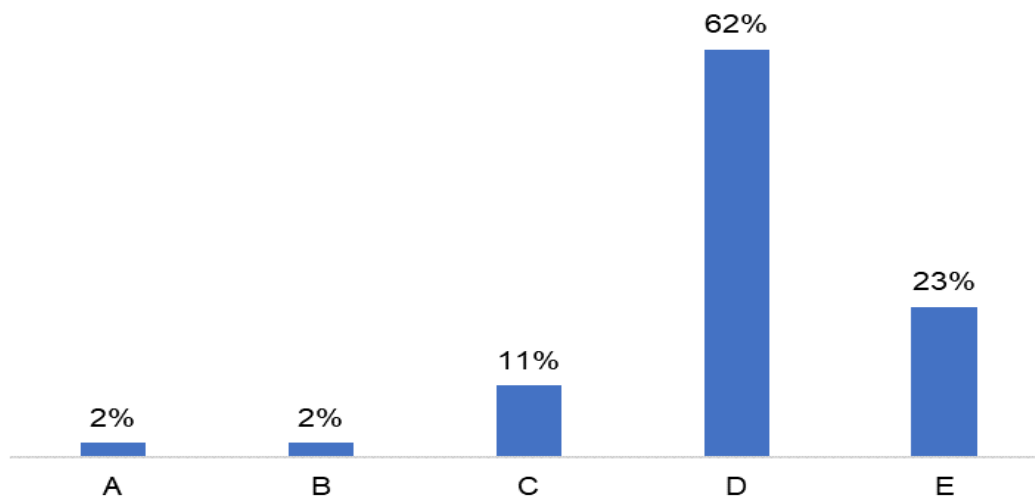
Tabela 2 – Distribuição dos cargos dos membros da gestão

Cargo na Universidade/Nível na Carreira	Quantidade de Servidores
Assistente em Administração (D)	35
Técnico de Laboratório (D)	6
Técnico em Assuntos Educacionais (E)	4
Porteiro (C)	4
Bibliotecário (E)	4
Administrador (E)	3

Cargo na Universidade/Nível na Carreira	Quantidade de Servidores
Vigilante (D)	3
Recreacionista (D)	3
Pedreiro (B)	2
Arquivista (E)	2
Servente de limpeza (A)	2
Técnico em Cinematografia (D)	2
Técnico de Tecnologia da Informação (D)	2
Telefonista (C)	2
Economista (E)	2
Técnico em Eletrônica (D)	1
Almoxarife (C)	1
Contador (E)	1
Biólogo(E)	1
Técnico em Química (D)	1
Técnico em Elétrica (D)	1
Motorista (C)	1
Eletricista (C)	1
Contínuo (C)	1
Secretário executivo (E)	1
Analista de Tecnologia da Informação (E)	1
Revisor de Texto (E)	1
Técnico em Secretariado (D)	1
Sociólogo (E)	1
Engenheiro-Área (E)	1
Desenhista (D)	1
Auxiliar de Agropecuária (D)	1

Elaborado pelos autores a partir dos dados disponibilizados na pesquisa

Na tabela 2, observa-se que muitos servidores que estiveram na coordenação eram nível (D) 12 cargos, 57 pessoas: Assistente em Administração, Recreacionista, Técnicos (Laboratório, Cinematográfica, Eletrônica, Tecnologia da Informação, Química, Elétrica, Secretariado), Desenhista e Auxiliar Agropecuário. Já alguns servidores tinham carreira de nível superior (E), 21 pessoas: Técnico em Assuntos Educacionais, Bibliotecário, Contador, Biólogo, Administrador, Arquivista, Engenheiro, Secretário Executivo, somando um total no período de 11. Somente uma pessoa cargo nível (A) 2 pessoas, Servente de limpeza e somente um cargo nível (B) 2 pessoas: Pedreiro. Já poucos eram carreiras de nível (C), 5 cargos, 10 pessoas: Porteiro, Telefonista, Almoxarife, Eletricista, Contínuo.

Figura 1 – Distribuição dos níveis de carreira dos membros da gestão

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados disponibilizados na pesquisa

Constata-se na figura que o nível de carreira A (2) e o nível B (2) representam cada um 2% do total, já o nível C (10) fica com 11%, enquanto o nível D (57) absorve 62% e o nível E (21) fica com 23%. Desta forma pode-se perceber que a maioria tinha o ensino médio seguido do ensino superior.

Já na próxima tabela 3, apresenta-se a distribuição dos membros da gestão por unidades de lotação, no período estudado.

Tabela 3 – Distribuição dos membros da gestão por unidades de lotação

Setor de lotação	Quantidade de servidores
Instituto de Física	1
Gabinete do Reitor	2
Faculdade de Educação	1
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas	2
Faculdade de Biblioteconomia e Documentação	3
Biociências	5
Faculdade de Medicina	3
Instituto de Matemática	3
Escola de Engenharia	2
Instituto de Ciências Básicas da Saúde	2
Pro Reitoria de Gestão de Pessoas	21
Faculdade de Economia	1
Escola de Administração	2
Prorext	5

Setor de lotação	Quantidade de servidores
Instituto de Artes	1
Divisão de Saúde e Junta Médica	1
Instituto de Química	1
Prefeitura Universitária	3
Pró-Reitoria de Planejamento e Controladoria	3
Creche	4
Divisão de Materiais	1
Superintendência de Infraestrutura	2
Centro de Processamento de Dados	1
Faculdade de Direito	2
Faculdade de Agronomia	1
Instituto de Informática	1
Superintendência Administrativa	3
Vice-Pró-Reitoria de Pós-Graduação	1
Escola de Educação Física	3
Departamento de Projetos e Obras	1
Laboratórios de Laser & Óptica	1
Escola Técnica	2
Faculdade de Arquitetura	1
Biblioteca Central	1
Pró-Reitoria de Ensino	1
Instituto de Pesquisas Hidráulicas	1
Faculdade de Odontologia	1
Hospital de Clínicas Veterinárias	1
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis	1
Colégio de Aplicação	1

Elaborado pelos autores a partir dos dados disponibilizados na pesquisa

Durante a pesquisa algumas dificuldades surgiram, problemas principalmente na coleta de informações documentais, estas estavam fragmentadas não sendo possível identificar especificamente algumas lotações. A Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, por exemplo, já foi chamada de Pró-Reitoria de Recursos Humanos, Departamento de Pessoal e Superintendência de Recursos Humanos; Abrangia vários departamentos/setores dentro da Universidade, como na pesquisa documental não estava especificado, não foi possível refinar.

Conforme tabela 3, boa parte dos TAEs encontravam-se lotados na Reitoria e Campus Central: Pro Reitoria de Gestão de Pessoas, Superintendência Administrativa, Pró-reitora de Extensão, Pró-reitora de Ensino, Biblioteca Central, Faculdade de Arquitetura, Pró-reitora de Assuntos Estudantis, etc., setores bem próximos ao Sindicato, talvez por isso que muito Diretores eram desses setores.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Esta comunicação é recorte de pesquisa em andamento, acerca da memória sindical dos trabalhadores Técnico-Administrativos em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no período de 1985 a 2002, teve como objetivo verificar o perfil dos TAEs que fizeram parte das coordenações da ASSURGS no período estudado, a partir dos arquivos sindicais do CEDEM, as variáveis selecionadas foram: sexo, grau de escolaridade, nível da carreira (segundo PCCTAE) e local de trabalho.

Podemos considerar preliminarmente que nas tabelas 1, 2 e 3, os Técnico-Administrativos no período de 1985 a 2002 que participaram da Direção do Sindicato, em sua maioria, eram homens. A Coordenação Geral a partir de 1991 (a 2002, período da pesquisa) era composta por três pessoas, sendo uma mulher e dois homens. Nas Coordenações das pastas, variava entre uma dupla de homens, uma dupla de mulheres, ou dupla mista; fica evidenciado que os homens representavam a maioria dentro do Sindicato, principalmente na gestão 91/93, e com o passar dos anos as mulheres foram assumindo mais cargos de direção e na gestão 99/2000 elas já era maioria nas direções das pastas. O grau de escolaridade oscilava entre ensino médio completo ou ensino técnico, quatro pessoas pertenciam ao fundamental. Os locais de lotação, em que se concentravam mais pessoas, eram setores de Infraestrutura e Administrativo, já nas unidades acadêmicas o número de participações nas gestões foi bem menor.

Considerando que a pesquisa está em andamento, algumas questões ainda necessitam ser respondidas e melhor exploradas, por exemplo: Qual foi o papel da mulher no sindicato nas gestões de 1985 a 2002? Por que os homens eram maioria em números na Coordenação Geral e nas pastas? O grau de escolarização influenciava na eleição da Direção? Seria necessário também fazer uma divisão dos coordenadores, por campus da universidade, para avaliar se havia influencia das representações por campi nas candidaturas? Qual era a tendência política das Direções? Questões relativas à raça também deveriam ser analisadas?

Há indicativos de predominância de raça? As gestões eram proporcionais ou a chamada Direção majoritária? Ainda há muitas questões a serem respondidas pela pesquisa.

O sindicalismo é um processo histórico e dinâmico e que depende dos indivíduos e do grupo para que se perpetue o perfil das direções do sindicato sempre foram ligadas aos técnicos com cargos em níveis desde os mais baixos da carreira até o topo da carreira. O que demonstra que público ou privado teremos trabalhadores incansáveis na luta, mesmo nos períodos mais duros da história com embates cotidianos, defasagem salarial e falta de perspectivas para a melhoria das condições de trabalho.

Nesta perspectiva, o CEDEM vêm salvaguardar a identidade do grupo, essa memória coletiva há tempos construída, um patrimônio imaterial, porém muito relevante para a classe trabalhadora das Instituições Federais de Ensino Superior. Desta forma, a memória coletiva desses trabalhadores irá legitimar a identidade do grupo de referência, e para tal elaboração torna o patrimônio como instrumento de validação. Nesse sentido conclui-se que, a Assufrgs Sindicato não apenas nos faz rememorar o passado, mas, prova sua relação íntima com a memória, sendo esta responsável pelo processo de reconstrução dos fatos e períodos passados.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. A poética do espaço. In: _____. **Os pensadores XXXVII**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

CANDAU, JOEL. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.

CRUZ, Karine Marins Amaral. **Memória empresarial e memória sindical: movimentos hegemônicos e contra hegemônicos de um campo em disputa (1980-2013)**. [Dissertação]. Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

CRUZ, Rodrigo Díaz. Experiencias de la Identidad. In **Revista Internacional de Filosofía Política**, nº 2, pp. 63-74, 1993.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GIANOTTI, Vito; SANTIAGO, Claudia [entrevista]. **Memória operária é essencial para luta dos trabalhadores**. Fazendo Mídia, 13 de maio de 2011. Disponível em: <https://fazendomedia.org/memoria-operaria-e-essencial-para-luta-dos-trabalhadores/>. Acesso em: 05/05/2021.

GIRON, L. S. Da memória nasce a história. In: **A memória e o ensino de história** – Anpuh, Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000. p. 23-38.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, pp. 29-70.

HALL, Stuart . **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARTINS, Sara D. Teixeira. **A Memória de um Lugar**: discursos e práticas identitárias na Freguesia do Castelo em Lisboa. Dissertação de mestrado em Antropologia. ISCSP/Universidade Técnica de Lisboa. (2011).

MINSITÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Guia de procedimento para o enquadramento**.

Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=746-guia1-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 29 abr. 2021.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em:

http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 05 de maio de 2021.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, vol. 13 n. 38, 16p., São Paulo Oct. 1998, Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v13n38/38myrian.pdf>.

SOUZA, Milton Baptista de. **Centro de Cultura e Memória Sindical**. Folheto. São Paulo, [s.d].